



Jovens Urbanos

Grupo de Teatro Jovens Urbanos, Rio de Janeiro

O grupo Jovens Urbanos, do Rio de Janeiro, iniciou a 18 edição do Festival Estudantil de Teatro - FETO 2018- com o espetáculo que traz o mesmo nome do grupo, *Jovens Urbanos*. Vinte cinco atores entraram em cena para nos contar e cantar e dançar as músicas do Legião Urbana. Um contar-cantar-dançar com muita presença cênica, ludicidade, reflexão e crítica. Cada fragmento de cena é acompanhado pelas músicas escritas por Renato Russo e seus companheiros de Legião. Voltamos aos anos 90 a partir de uma releitura de jovens que sabem do poder que o teatro tem, sabem da importância das músicas do Legião em 2018 (quanta atualidade!). Jovens atores que fazem arte política e nos mostra que ninguém lhes roubou a coragem.

Como precisamos disso!

A aventura musical começa com “Tempo perdido”, para problematizar conflitos familiares: mãe que cria os filhos adolescentes sozinha, pai ausente, filhos que querem a liberdade de não fazer nada. “Pais e filhos”, que se espelham e se recriam, numa relação da típica família brasileira, com os pais e os filhos nos seus próprios tempos. E a música do Legião sempre como pano de fundo, ou melhor, como texto dramático que dá uma pitada poética para o todo do espetáculo.

O clássico “Eduardo e Mônica” aparece para nos contar como os avós dos adolescentes criados somente pela mãe se conheceram. Os atores cantam e dançam a beleza do amor construído quotidianamente. Esse amor antigo se liga ao amor/paixão de Sara por uma garota. E é delicioso, natural e respeitoso, como deve ser, ver esses jovens atores tratando de amor sem preconceito e homofobia. Delicioso ver a Sara andando “distraída, impaciente e indecisa”; o casal saindo do público, brigando, e a menina mandando: “tire suas mãos de mim, não quero dominação nem egoísmo”.

Teatro com posição política!

Associação No Ato Cultura, Educação e Meio Ambiente

Rua Monte Carmelo, 20 - Floresta • Belo Horizonte • MG • CEP: 31015-230
+55 (31) 2555 8575 • www.noato.org.br

Privilégio de classe e raça também é discutido em *Jovens Urbanos* de forma inteligente e reflexiva: “ei, menino branco, subindo o morro para tentar se divertir”. Esse menino branco, na hora em que o bicho pega, não leva batida, pelos policiais, da mesma forma que os meninos negros. A velha democracia racial brasileira (#sqn) que se liga a “Faroeste Caboclo”, com uma atual crítica aos políticos corruptos, ao som de um violino, mostrando que a cultura popular pode, sim, andar lado a lado com a erudita. O som do violino é para nos lembrar a saga de Santo Cristo, que só queria ir à Brasília, “falar com o presidente sobre essa gente que só faz sofrer”. Aqui, cinco atores encenam a trajetória de Santo Cristo e transformam o palco, como cinco escadas que de maneira lúdica e criação artística se transformam em vários objetos cênicos, em um circo de críticas a políticos que apoiam a tortura e disseminam o ódio.

É, essxs meninxs são o futuro da nação! E que bom que sejam, pois assim é possível respirar como um pouco mais de tranquilidade e criticidade. É possível manter nossas memórias sempre acessas para que no futuro não cometamos os mesmos erros, para não banalizarmos a violência, para que as Marias Eduardas, aos 13 anos, não morram dentro de uma escola na hora da educação física e para que as sementes de Marielle frutifiquem cada vez mais. Presente!

“Que país é esse?” Os vinte e cinco atores refletiram em cena a estupidez humana, ironizaram a atual situação político-social brasileira e, o mais bacana de se ver dentro de uma criação artística, apontaram caminhos para transformarmos o ódio em amor, e isso não tem nada de clichê: educação e cultura.

Jovens Urbanos, muito mágico ver a potência da atuação de vocês, o frescor, a inteligência cênica, o trabalho de criação coletiva (o teatro é isso!), o trabalho corporal e vocal de cada ator e a coragem- necessária- de mostrar de que lado da história vocês estão. Vocês acenderam vários sóis no público. Viva!

Soraya Martins